

Extra! Extra! Entrudo ameaça a civilidade e modernidade feirense (1900-1930)¹

Miranice Moreira da Silva²

Introdução

As disputas entre carnaval e entrudo na historiografia carnavalesca teriam acabado no início do século XX; esta seria uma querela sepultada na virada do século e superada pelos ares republicanos e modernos. Entretanto quando se estabelece as temporalidades não se deve toma-las em estruturas tão rígidas. Tratando-se de manifestações culturais as balizas temporais tornam-se ainda mais escorregadios. O que é significativo nesse momento não é encontra e justificar a adequação aos recortes temporais genéricos e sim compreender como os locais e as comunidades vivenciaram e construíram tais experiências.

Feira de Santana é um exemplo de que essas temporalidades a cerca da “transição” entre carnaval e entrudo explicam apenas a particularidade estudada e como esta se articula com as questões macro. Isso porque as disputas ideológicas em torno das práticas carnavalescas feirenses, polarizadas em *civilização* e *barbárie*, podem ser verificadas nas páginas dos jornais nas primeiras décadas do século XX. Disputa que foi ressignificada em 1937 com a criação da micareta de Feira de Santana. Festa que foi introduzida no circuito festivo inicialmente para complementar o carnaval. Em seguida o substituiu; e a data foi modificada para depois da Quaresma.

Nesse contexto, o artigo trata das práticas carnavalescas em Feira de Santana entre os anos de 1900 e 1930. Dentre essas manifestações, o entrudo e o carnaval protagonizam o debate; o entrudo visto como uma ameaça à civilidade feirense, enquanto o carnaval apresentara à urbe uma identidade que atendesse aos ideais de

¹ O artigo é fruto de um dos tópicos da dissertação *Entre máscaras e serpentinhas: por uma história dos festejos carnavalescos feirenses*; texto revisado.

² Mestre em História, Professora substituta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: miranicem@gmail.com.br

modernidade que o século XX trouxera. As disputas ideológicas entre tais manifestações carnavalescas foram ressignificadas apenas com a criação da Micareta e sua respectiva mudança de data. As fontes utilizadas para este debate é o Jornal *O Folha do Norte*, com circulação ativa desde 1901, e jornal *O Comercial*, especificamente o ano de 1900.

As fontes jornalísticas nesse trabalho ganham certo protagonismo; isso porque elas também são vislumbradas enquanto sujeitos da construção carnavalesca feirense. Compreende-se que os jornais constroem a notícia a partir de seu lugar social e de seus ideais. Apresentam aos seus leitores mais que fatos, e sim uma interpretação dos fatos. Como afirma Chartier (1990), nenhuma produção é isenta de significados; trazem consigo as suas intencionalidades e conflitos.

Entende-se também que carnaval e entrudo não representam festas independentes. As batalhas se deram para além dos confetes/serpentinhas e laranjinha/pós de mico; a disputa esteve dentro e fora do circuito festivo.

Os ecos do Entrudo abalaram as estruturas do Carnaval feirense.

Passada a fase do entrudo, a cidade começa a viver o período carnavalesco propriamente dito e, em 1891 a imprensa falava em Carnaval, que teve a sua 1ª agremiação fundada em 1924, o Clube Carnavalesco 2 de Julho (ALENCAR, 1968 P. 21)

Nesse documento foi identificado o ano de 1891 como um marco para as atividades carnavalescas, porém uma organização formal só foi fundada em 1924. Se tomarmos como marco o relato do memorialista Helder Alencar, a questão entre entrudo e carnaval estaria muito bem resolvida; sobretudo com a frase *passada a fase do entrudo*. Porém nesse intervalo (1891-1924), cabe a problematização de qual teria sido a atividade carnavalesca realizada.

As fontes apontavam para a existência de agremiações carnavalescas anteriores à 1924, como o exemplo dos *Filhos da Turquia*. Se o entrudo havia sido superado em

1891 por que o grupo *Filhos da Turquia* não forma lembrados enquanto agremiação carnavalesca? A questão é que Helder Alencar construiu suas memórias, mais antigas, com o subsídio das publicações do *Jornal Folha do Norte*; engajados no projeto carnavalesco. O fato é que essa “transição” não fora tão simples assim. Havia um projeto para adequar os modos de festejar à civilidade; entretanto a existência de um projeto não configura a implantação imediata e satisfatória para seus idealizadores.

E esses moldes de civilidade estavam para além dos festejos carnavalescos, apareciam em diversos âmbitos de lazer. As reportagens apresentavam notícias sobre as filarmônicas, que eram apresentadas como uma alternativa *civilizadora* de diversão, sobretudo a *25 de Março* e a *Vitória*, as mais antigas da cidade, que além das diversas atividades de lazer, eram também colaboradoras dos festejos carnavalescos. Segundo Aline Santos (SANTOS, ANO p. 3.) a *Filarmônica 25 de Março*, surgiu em 25 de Março de 1868 e esta teria dado origem a *Vitória* organizada pelo Padre Ovídio Alves. A divisão ocorreu a partir de divergências internas em 1873. E essas primeiras filarmônicas estavam presentes em muitos espaços de lazer, sejam nos religiosos ou profanos.

Com um esplendido espetáculo[...] cômico-dramático dirigido pelo inteligente actor Sr. Avelino Gonçalves, realiza amanhã, o seu benefício a gentil e distinta associação Gremio Protectoras da *25 de Março* (...). O espetáculo para qual está havendo um grande prêmio de bilheteria, a apreciada banda musical da *25 de Março*, que durante os intervalos, deleitará os espectadores com peças do seu vasto repertório. Como sempre promovidos pelo belo sexo, será uma bonita festa, onde nada faltará: luz, riso, flores e música e sobretudo o chic (...). O governo, que levará certamente uma grande irreverência aos nosso sant’Annas. (Folha do Norte. Feira de Santana, 29 de novembro de 1909. Ano I, Nº 10)

As filarmônicas, nesse fragmento, representadas pela *Filarmônica 25 de Março* significava o *chic*, algo fundamental para uma cidade que se pretendia moderna e civilizada.

Segundo essa lógica de espaços civilizatórios da cidade, a *Filarmônica Vitória* também ocupava esses espaços, e assim como a *25 de Março*, era colocada pelos jornais como um elemento de benefício moral e social para a sociedade:

Realizaram-se nos dias 30, domingo ultimo de janeiro, e 2 de fevereiro, quarta-feira passada a kermesse que anunciou a estudiosa Philarmônica Victoria. Para esta festa, em beneficio da excelente sociedade, gloria desta terra, nada faltou para abrilhantar.

As 7 1/2 horas da noite, reunidos vários sócios da Victoria, saíram tendo uma maravilhosa banda musical à frente do prédio onde tem a sua sede, a Rua da Direita e em marcha iluminada a fogos (...) percorreram a praça Jovi Pedreira, Rua Barão de Cotegipe, Campo do Gado e travessa do França, saindo na Praça do Remédios (...)

No coreto, do espaço a espaço, executava a banda, ora maravilhosa valsa, ora adorados dobrados, ora harmoniosos trechos de opera. (...)

A festa terminou a uma hora da manhã, quando a Philarmônica abandonou o coreto (...) o delírio dos applausos, seguidos de quase toda a massa de senhoras, senhoritas, cavalheiros e populares que a ouviam na Praça do Remédios. (O Município. Feira de Santana, 7 de fevereiro de 1910, Ano II, Nº 81.)

Em ambas as notícias sobre os eventos das filarmônicas apareceram o caráter de procissão, na qual as pessoas da sociedade *senhores e senhoras* eram contemplados com espetáculo, bem como *os populares*.

E nesse momento os projetos políticos apareciam em todos os espaços, sejam eles partidários ou não. Em um anúncio de um baile pré-carnavalesco realizado pela Filarmônica Vitória, esse projeto para a cidade apareceu de forma mais evidente. “A existência dessas sociedades demonstram eloqüentemente que, em conquista, apesar de longínqua, os seus hábitos trabalham também para a perfeição – moral- social.” (Folha do Norte. Feira de Santana, 20 de Novembro 1909, Ano I. Nº 12).

As filarmônicas não foram e nem são instituições carnavalescas, elas não foram criadas com esse intuito: “as filarmônicas eram agremiações musicais, compostas geralmente por um regente e mais ou menos 40 músicos, e seu demais familiares, alguns eram ligadas a setores das elites políticas, outras pertencentes a outros setores.” (Idem) Os componentes mantinham uma relação de associados com estas entidades.

Diante de tamanha expressividade atribuída a esses grupos, esses locais também foram apropriados pelos ideais da época como um instrumento formador de opinião e costumes, e atuaram também nos momentos carnavalescos. E os meios de comunicação, especialmente o jornal *Folha do Norte*, entrou em campanha em prol da sua realização,

como uma forma de comprovar que, assim como as cidades desenvolvidas, Feira de Santana estava inserida nesse processo.

Tudo caminhava para a elevação da cidade ao *chic, civilizado e moderno*. A urbanização da cidade com os discursos sanitaristas e médicos. A instalação das Filarmônicas, *baluarte da civilidade*, na Rua da Direita – local onde fora instalada em 1930 a Escola Normal, e onde está a Catedral de Santana. A escolha do local para a sua instalação, uma rua importantes da cidade aponta para a importância dos espaços de lazer na construção de um ideal urbano. Feita essa digressão, retomemos o aspecto carnavalesco. Mesmo com essas condições fecundas para a implantação do referido projeto, o entrudo ainda parecia ser uma ameaça à civilidade feirense. Indício que ficou evidente em uma notícia de capa vinculado no *Jornal Folha do Norte* – vale salientar que o jornal circulava uma vez por semana, era composto por quatro laudas, logo ter uma notícia de primeira página significava a relevância da mesma.

Attendendo as muitas reclamações que nos tem sido trazidas ao nosso escriptorio, chamamos a atenção das autoridades competentes para abusivo e prejudicialíssimo jogo do entrudo, que extinto quase entre nós, agora pretendem fazer e voltar com todas as suas desastrados consequencias.

Quantas victimas, quanto prejuízo não têm sido causado por tão extravagante divertimemnto?

A feira, que já é uma cidade adestrada e que muito merecidamanete gosa dos foros de civilidade deve abolir esta velha, archaica e pernicioso diversão, substituindo-a pelos vários entretenimentos do carnaval, cujas festas, traduzindo o prazer e a alegria constituem hoje o chic das cidades mais cultas, mais civilizadas do mundo, onde a graça e pilheria, o cebo e agradável fizeram desaparecer para sempre as grosseiras laranginhas e a estúpida seringa.

Assim, pois, confiando que não se façam demorar medidas repressoras para o caso, igualmente nos dirigimos aos pais de família, que devem quanto antes ir afastando os seus filhos desse inventerado e prejudiciais costumes. (Folha do Norte. Feira de Santana, 29 de Janeiro de 1910. Ano II, Nº 20)

Esse é apenas o fragmento de uma reportagem de página inteira, na qual o entrudo fora isolado do período carnavalesco, sendo noticiado antes da data oficial dos festejos carnavalescos. Acredita-se que esta tenha sido uma matéria preventiva, com o intuito de

sensibilizar tanto as autoridades quanto as famílias de que o entrudo já havia sido superado e estava ameaçando a civilidade que já estava instalada em Feira de Santana. Caberia à esses grupos cuidar para que os comportamentos indesejáveis fossem banidos. Essa reportagem ajuda a responder a questão inicial posta nesse artigo: entrudo não havia sido superado. E negá-lo era uma estratégia para enfraquecê-lo.

O apelo para que a festa do carnaval ocorresse, e que se sobrepusesse aos hábitos do entrudo passou pelo fim do século XIX, e adentrou o século XX. As notas começavam, em sua maioria, ressaltando a grandiosidade e superioridade da festa da *civilidade* e sua superioridade. E a capital do país cada vez mais se tornou uma referência mais forte.

Tornando instituição brasileira, notadamente na capital do país, onde se constituir potente fator de turismo, o carnaval emplacou vitorioso em todo o Brasil, tendo logrado nessa urbe progressista um triênio glorioso. Festa de civilização que teve o poder de erradicar costumes nacionais, bárbaros entrudo, apesar de sua existência multiseular no velho mundo e nos países colonizados por europeus, o tríduo de Momo- eterno deus do riso e da Satyra – interessa a todos. (Folha do Norte. Feira de Santana, 10 de fevereiro de 1934, Ano XXVI, Nº 1282.)

A reportagem apresentada no *Jornal Folha do Norte* tem o intuito de estabelecer um comparativo com as demais localidades momescas do país, sobretudo, o a capital do país, o então Rio de Janeiro. Simplificou o processo da transição, tirando do processo carioca o conflito. Entretanto, Maria Clementina Cunha (2001) aponta o quanto o processo teria sido tão conflituoso quanto o feirense. Segundo a autora os desencontros teriam levado o governo carioca a publicar notificações e proibições. No contexto carioca, tão referenciado pela imprensa feirense, as disputas entre entrudo e carnaval começaram em 1850 e foi intensificado a partir de 1880. Entende-se que tanto em Feira de Santana quanto no Rio de Janeiro, a necessidade em intensificar o debate e combate ao entrudo significa que as primeiras ações não teriam sido suficientes.

Processo longo também ocorrera em Minas Gerais, onde segundo Araújo (2008) o projeto de superação do entrudo encontrou entraves e resistências. A autora demonstra

isso através das fontes jornalísticas e quadros com as portarias contendo proibições da venda de produtos para o entrudo nas diversas cidades mineiras nos períodos de 1846-1890. A tentativa de simplificar a *transição* entre carnaval e entrudo nos outros locais está relacionada a criar a ilusão de que esta era um processo simples que Feira de Santana deveria aderir o quanto antes.

A partir desse contexto de batalha, expressão de vitória do carnaval sobre o entrudo ganhou espaço nos noticiários feirenses. Retomando a análise do fragmento anterior, percebe-se que o entrudo apareceu como um coadjuvante, e como algo superado, mas então porque citá-lo? É justamente com o propósito de sepultá-lo que ele foi retomado. Parece entranho isso, mas era fundamental reafirmar a sobreposição, mais do que esquecer-lo era necessário lembrar-se desse feito e quem foi o responsável por isso, fortificando cada vez mais a ideia do carnaval como absoluto. Porém na prática a aplicabilidade dos significados não encontrava a mesma eficácia.

Todavia não obstante o esforço da comissão organizadora, a expectativa dos festejos carnavalescos, a quem ninguém queria renunciar, as contribuições solicitadas até o presente recolhidas não correspondem à expectativa geral, impedindo dest' arte a positivação de diversos empreendimentos projetados (...). Todas as classes deviam, alias, empenhar-se pelo esplendor do tríduo da folia em seu próprio interesse, porque eles iriam aproveitar a circulação do dinheiro que se retraia e até se sonega, apesar de ser evidente a necessidade da contribuição geral (Folha do Norte. Feira de Santana, 7 de fevereiro de 1931, Ano XXI, N° 1125)

Nesse trecho o apelo não foi o da civilidade e da modernidade, procurava-se justificar o evento para além da simbologia, precisava-se de um argumento prático. Logo os benefícios econômicos foram apresentados, pois segundo o jornal *Folha do Norte* seria uma excelente oportunidade comercial para uma cidade que teve origem justamente a partir de uma feira.

A imprensa feirense, especificamente o *Jornal Folha do Norte* apresentou-se enquanto um importante instrumento nesse processo, pois sempre destacava o carnaval enquanto algo benéfico e o entrudo como algo que deveria ser esquecido dos festejos

carnavalesco. Não se pode esquecer o poder desse veículo de imprensa; apontado por Cunha (2001) Araujo (2008) Lazzari (2001) como importantes sujeitos nessa disputa. A partir dessa construção entende-se que os jornais também foram construtores do cenário carnavalesco feirense.

Empenhados nesse projeto o espaço festivo passou a ganhar cada vez mais um espaço nos jornais e uma conotação educativa, pois através das recomendações e as normas estabelecidas, os comportamentos eram moldados, ou ao menos a tentativa de fazê-los: “o carnaval é do povo, todos têm jus a fantasiar-se, mascarar-se (...) a serpentina e lança perfume e divertir-se, em summa sem attentar contra o direito do próximo.” (Folha do Norte. Feira de Santana, 21 de fevereiro de 1932, Ano XXII, Nº 1176)

Esse direito não foi explicitado quanto ao seu sentido, mas ao caracterizá-lo indicava um modelo; o brinquedo não era com laranjinhas e águas fétidas, farinha e ovos, mas sim com serpentina e lança-perfume, elementos característicos dos carnavais de salões, civilizados.

Os jornais representaram uma alternativa em defesa do carnaval, porém não forma os únicos grupos. As filarmônicas na década de 1920 e 1930 promoviam passeios à capital durante os festejos carnavalescos Silva (2013). Há indícios, através de um comparativo com o trabalho de Cunha, de que este tenha sido um movimento comum no combate ao entrudo. Uma tentativa de retirada da *burguesia* do espaço festivo e assim desqualificar as prática *bárbaras*.

A micareta apresentou como uma possibilidade. Os jornais noticiaram desde a criação do carnaval uma crise. Em alguns exemplares apontaram como motivo dessa crise a criação da Rodovia Federal Feira/ Salvador. Porém o argumento não se sustentava por dois motivos: a *crise* era noticiada antes mesmo da construção, em 1929; e o fato de criar uma rodovia não garante mobilidade, sobretudo em escalas altas o suficiente para esvaziar uma cidade. Nesse contexto a Micareta foi significada enquanto prática carnavalesca bem sucedida e as questões antagônicas não caberiam.

Diferente do carnaval carioca, onde se cogitou a mudança de data do carnaval para o mês de junho, um mês mais frio, para evitar a brincadeira com água. A mudança de data em Feira de Santana surtiu o efeito desejado. Com a mudança da data - que passou a ocorrer uma quinzena após a quaresma - e do nome os jornais não noticiaram

mais sobre o entrudo. A elevação da festa passou a não ser mais noticiado em oposição ao entrudo e a Micareta substitui/resignificou carnaval e entrudo.

Considerações finais.

As manifestações culturais e nesse caso as carnavalescas exigem dos pesquisadores o olhar para os silêncios, as repetições e como as fontes podem nos revelar muito das práticas e ideologias sem necessariamente proferir a palavra-chave. A maioria das notícias encontradas nas pesquisas não faz referência no título ao entrudo. Porém mesmo a manchete sendo sobre o carnaval no decorrer das narrativas o conflito aparece.

É possível afirmar que o entrudo não foi vencido pelo carnaval feirense; visto que o carnaval feirense nos noticiários sempre estava acometido por uma crise inominável, algo que impedia o progresso festivo, mas que nunca apontado. Acredita-se que essa crise estava aliada a não aceitação do carnaval nos moldes desejado.

A última alternativa foi a mudança da festa, tanto de data como de nome. Um grupo de carnavalescos, dentre eles diretores do *Jornal Folha no Norte*, criou a Micareta. Esta sim teria sido, segundo os jornais, a festa que *sacudia a cidade* e a qual nenhuma crise alcançara. Teria sido esse o fim do entrudo? Defende-se que não; pois a Micareta faz referência a Mi-carême, festa francesa, e as máscaras, chamadas de caretas, usadas durante o entrudo feirense. O entrudo foi apenas ressignificado.

Bibliografia

ALENCAR, Hélder. *31 anos de Micareta*. Feira de Santana-Ba UEFS, 1968.

ARAÚJO, Patrícia Vargas Lopes de. *Folganças populares: festejos de entrudo e carnaval em Minas Gerais no século XIX*. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: PPGH/UFMG; Fapemig; FCC, 2008

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, Portugal. Difel. 1990

_____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da Folia: uma história social do carnaval Carioca entre v1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras. 2001.

DARNTON, Robert. *O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural da França*. 4ª Ed. São Paulo. Graal, 1986.

LAZZARI, Alexandre. *Coisas para o povo não fazer: carnaval em Porto Alegre (1870-1915)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Cecult, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: Visões Literárias do Urbano v.2*. Porto Alegre - RS. UFRGS: 2002;

SANTOS, Aline Aguiar Cerqueira dos. *Entre bailes e tocatas musicais: filarmônicas em Feira de Santana*. VII ENECULT: Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Agosto de 2011. Salvador–Ba.

SILVA, Miranice Moreira da. *Entre máscaras e serpentinas: por uma história dos festejos carnavalescos feirenses (1891-1939)*. Feira de Santana, 2013.